

HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO **uma proposta curricular (☆)**

Maria de Lourdes Cavalcanti Maciel

Yvonne da Mota e Albuquerque

I — INTRODUÇÃO :

A disciplina História e Filosofia da Educação inclui-se na matéria “Fundamentos da Educação”, componente curricular da parte de Formação Especial da Habilitação ao Magistério em nível de 2º grau e nesta proposta curricular é tratada, da mesma forma que a Psicologia e a Sociologia da Educação, como disciplina autônoma.

Embora o Parecer 349/72 dê preferência ao tratamento global das matérias de Formação, esta proposta curricular procurou seguir mais a linha do Parecer 853/71, que prefere tratar as matérias do 2º grau como disciplinas, permitindo assim um maior aprofundamento e sistematização do assunto.

No caso particular de História e Filosofia da Educação, considerá-la como disciplina autônoma permiti-

(*) Documento elaborado, a pedido, para a Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco.

rá aos futuros professores a aquisição da base filosófica indispensável a qualquer educador.

Queremos ainda salientar que essa disciplina, mesmo no âmbito já citado, de formação profissional, oferece tanto subsídios para uma educação geral, como para a formação específica do futuro mestre.

“Em cursos dessa natureza, cuja matéria prima é a própria cultura, é difícil estabelecer barreiras entre componentes de educação geral e especial”. (Caderno 1º série Ensino Fundamental — MEC).

De acordo com essa Proposta Curricular, ao término do curso de Formação de Professores em nível de 2º grau são esperados, entre outros, os seguintes desempenhos:

- desenvolver habilidades intelectuais
- desenvolver habilidades sociais
- desenvolver habilidades físicas
- desenvolver habilidades morais
- desenvolver espírito científico
- desenvolver interesses específicos
- apreciar o belo em suas diferentes formas de expressão
- interessar-se por problemas atuais.

São ainda citadas, entre outras, como condições necessárias ao professor para o bom desempenho da profissão:

- observação
- manter-se atualizado
- dominar conhecimentos gerais
- dominar conhecimentos específicos

- conhecer a criança sob o ponto de vista biológico-social
- interessar-se pela profissão.

Destacamos os desempenhos e as necessidades acima enumerados porque vêm justamente corroborar nossa posição de que, dentro do âmbito profissional, a Filosofia e História da Educação tem como função fornecer ao jovem professor uma formação básica geral, por meio do estudo e compreensão das diversas teorias pedagógicas. Acompanhando a evolução, e desenvolvimento dessas teorias através da várias épocas históricas, distinguindo as características, acertos e erros das mesmas, com a ajuda da supervisão do professor e da orientação básica do programa, o aluno deverá, ao longo do curso, ir formando uma visão filosófica do mundo, uma cosmovisão e uma concepção filosófica a respeito do homem.

Pretendemos que essa visão seja uma visão personalista-cristã, com uma correspondente visão democrata-cristã do mundo.

Essa conceituação do homem enquanto pessoa, julgamos estar implícita na filosofia da Proposta Curricular de Educação geral (2º grau). Quando afirma que o professor deve desenvolver no aluno habilidades intelectuais, sociais, físicas, morais, científicas e estéticas, além do interesse pelos problemas atuais, não está mais do que explicitando a concepção do homem integral como objeto de uma formação igualmente integral, tal como tem sido defendida neste século por posições filosóficas conhecidas como néo-tomismo, personalismo cristão, perenialismo e essencialismo.

Nelas o homem é visto como um ser uno e múltiplo. Uno com um valor absoluto que o coloca acima de

quaisquer interesses, não permitindo que ele, ou sua educação, sejam postos a serviço de qualquer credo ou doutrina política, econômica ou social, valor que o torna o único fim de sua educação. E múltiplo — porque apresenta atributos diversos (intelectuais, morais, afetivos, estéticos, físicos) que o tornam também um ser social, aberto, carente dos outros, uma vez que esses atributos só alcançam sua plena realização na assimilação de um passado já conquistado, uma revisão, reconstrução e aperfeiçoamento desse passado, o que é uma tarefa social.

Assim, repetimos, quando a Proposta Curricular para o Curso de Formação para o Magistério indica as habilidades que o professor do 1º grau deve desenvolver em seus alunos, está expondo, essa visão do homem, personalista, cristã, ocidental, que tem sido, até aqui, a tradição da filosofia educacional brasileira.

Achamos que, um dos objetivos, ou o objetivo primeiro da disciplina Fundamentos da Filosofia e História da Educação é tornar explícita e consciente para o futuro professor essa filosofia, através do estudo das suas raízes, da lenta formação dessa cosmovisão que caracteriza o mundo ocidental cristão, no qual o Brasil está inserido por formação e por tradição.

Considerando que seria impossível tomar todos os tópicos de uma filosofia da educação em apenas 75 horas-aula, como também seria impossível com essa carga horária abranger todas as épocas de uma História da Educação, o conteúdo a apresentar deverá ser bem selecionado, de modo a atingir aquele objetivo.

Assim sendo, a escolha das épocas, doutrinas ou teorias pedagógicas a serem estudadas deverá ser fei-

ta tendo em vista primeiramente a transmissão dessa posição filosófica a respeito do homem e sua tarefa no mundo.

Outro ponto a considerar no tratamento a ser dado ao programa é o da clientela a quem esse programa se destina. Obviamente não se trata aqui dos alunos da 1a. a 4a. série, mas dos que escolheram a habilitação para o Magistério, os quais se encontram no 2º. grau, portanto na faixa etária de 15 a 18 anos. Além de considerar o fator “idade” devemos considerar também o fator “meio-ambiente” de onde essa clientela provém ou no qual, melhor dito, está inserida.

Não vamos fazer aqui, o que não caberia, uma análise psico-sociológico do adolescente, mas apenas salientar alguns aspectos que, achamos, devem ou podem ser atendidos pela disciplina e pelo programa proposto. É nessa fase, por exemplo, que desperta o espírito crítico, o questionamento dos valores até então aceitos, o que leva também a uma curiosidade científica e à diversificação de interesses. Ampliam-se, ainda nesta fase, as atividades cognitivas que vão alcançar nela sua estruturação definitiva. Dá-se o desenvolvimento do pensamento lógico e racional, a sistematização e síntese dos conhecimentos que vão levar diretamente ao desenvolvimento e formulação de uma filosofia de vida.

Sente-se, então, a importância do contato com a filosofia e o papel que o estudo das teorias filosóficas educacionais pode desempenhar na formação dessa filosofia de vida.

Outro aspecto a considerar nesta proposta é o que provém do meio-ambiente. Considerando a situa-

ção geral do mundo atual e do Brasil particularmente vemos que a nossa época é caracterizada por extrema mobilidade, por mudanças sucessivas e rápidas, onde idéias e valores novos se sucedem e se superpõem continuamente. Acrescente-se a isso o progresso e a influência acentuada dos meios de comunicação de massa, os quais favorecem a tendência para a comparação e imitação, criando necessidades artificiais, acentuando os desajustes comuns a uma sociedade em mudança. Esses fenômenos são ainda mais notados numa sociedade em desenvolvimento, que mantém permanente contato com sociedades superdesenvolvidas, como é o caso do Brasil.

As influências e pressões a que a juventude está sujeita dentro desse quadro põem em risco nossa tradição cultural, a filosofia tradicional de nosso povo, nossas esperanças de ordem e progresso.

Daí a necessidade de, nesta fase crítica da adolescência, desenvolver a objetividade da atitude científica, a atitude crítica, o sentido de auto-realização, de respeito à pessoa humana, de liberdade e fraternidade, para os quais um estudo sério da filosofia e das doutrinas pedagógicas pode contribuir largamente.

Para fazer face a essa constante oscilação, o contato com o passado, a constatação da perenidade dos valores básicos de nossa cultura, seguir o fio da evolução, reformulação e contínua renovação na visão e vivência desses valores é indispensável para a formação filosófica do adolescente.

Quando falamos da perenidade dos valores de nossa cultura não queremos com isso estabelecer valores fixos, nem entendemos perenidade como estabilidade,

mas afirmamos aí a universalidade dos mesmos ou seja: valores como liberdade, verdade, beleza, igualdade aparecem em todas as épocas, sob roupagens diversas, porque constituem aspirações universais do homem, correspondem a necessidade universais e as respostas a esses problemas, indagações ou buscas, não podem ser dadas **hoje** ignorando toda a experiência anterior que o passado histórico nos deve transmitir como legado social. O estudo da filosofia e da história deverão ser para o adolescente como uma baliza que o ajude a orientar-se em meio às contínuas mudanças atuais, e não mais um meio de confundir, ou erradicar valores sem oferecer nada em troca. Deve, como afirmamos desde o começo, ser justamente o meio para uma visão integral do homem, ajudando o adolescente a localizar-se melhor, a entender melhor o meio em que vive, os homens que o rodeiam e que ele vai ter tarefa de ajudar a formar.

Essa visão do passado não deverá, contudo, levar-nos à fixação nele. Até pouco tempo o estudo da História da Educação detinha-se tanto nas nossas origens grego-romanas que a carga horária disponível não nos permitia abordar as posições ou tendências atuais. Essa distorção deve ser corrigida.

Dentro das considerações feitas seria inadmissível permitir que isso volte a acontecer. A lei 5692/71 em suas diretrizes visa justamente tornar possível uma atualização nos estudos que a época e a sociedade em que vivemos tornam imperiosa.

Sendo assim, foi preocupação nossa distribuir e escolher os tópicos de estudo de tal forma que torne possível, e até mesmo acentue, o estudo das teorias pedagógicas **atuais**, a fim de que o aluno se situe em

sua época, tome contato com o que o mundo pedagógico vive hoje. Assim tomará consciência dos problemas atuais, dentro, porém, da interação e continuidade com a experiência passada.

Estaremos, dessa forma equipando intelectualmente o aluno para compreender e lidar com as transformações que o rodeiam, a fim que ele seja capaz de interferir ativa e construtivamente nessas mudanças, ou, pelo menos, numa visão mais realista, de não se perder no emaranhado das mesmas, de situar-se dentro delas, de conscientizá-las.

Como um último aspecto a acrescentar nessa introdução devemos esclarecer que a escolha dos autores a serem estudados nas várias épocas históricas foi feita também dentro dessa linha de formação de uma mentalidade. De outra forma, poderia parecer, à primeira vista, que omitimos autores, épocas ou séculos.

A orientação será mais filosófica que histórica: abordaremos a evolução das teorias ou doutrinas em filosofia da educação e, dentro delas, os autores de maior importância.

II — OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Gerais

Adquirir capacidade de:

Integrar 16

os conhecimentos dos fatos históricos, teorias e posições filosóficas estudadas.

Refletir

sobre o homem e o mundo e consequentemente sobre o problema da educação.

Criticar

conceitos e princípios básicos das teorias educacionais (apresentados).

Conscientizar-se

do valor da filosofia cristã ocidental e de sua evolução histórica.

Adotar

uma posição filosófica face ao homem e ao sentido de Educação.

Específicos

Unidade I:

Identificar

termos específicos do campo da Filosofia da Educação.

Conceituar

educação em seu sentido amplo de transmissão e aquisição de cultura.

Diferenciar

educação informal, assistemática e educação formal, sistemática.

Relacionar

fatos e condições que deram origem ao aparecimento da Escola.

Interpretar

sentidos da educação liberal individualista na Antiguidade clássica.

Unidade II.

Identificar

características do Humanismo na Idade Média e no Renascimento.

Comparar

posições vigentes nas duas épocas.

Distinguir

influências e contribuições da Reforma à Educação.

Identificar

atividades educacionais das grandes ordens religiosas e seu papel na educação brasileira.

Unidade III:

Identificar

características e principais representantes dos diversos tipos de Naturalismo.

Diagnosticar

erros e acertos.

Unidade IV:

Distinguir

tendências da educação contemporânea.

Identificar

aspectos principais da tendência psicológica em educação; traços principais da tendência pragmática; principais expoentes das duas posições.

Diagnosticar

erros e acertos.

Selecionar

elementos que possibilitem adotar uma posição filosófica.

III — CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1 — Conceituações elementares e Origens da História e Filosofia da Educação.

1.1 — A História da Educação como história do pensamento.

1.2 — Noções de Filosofia e Filosofia da Educação.

1.3 — Conceito de educação formal e informal.

1.3.1 — Educação dos povos primitivos.

1.3.2 — Causas do aparecimento da educação formal.

1.4 — Origens da Pedagogia e da Filosofia da Educação.

1.4.1 — A educação grega e os primeiros pedagogos.

1.4.2 — A educação romana.

2 — Posições educacionais na Idade Média e no Renascimento.

2.1 — O Humanismo como posição em Filosofia da Educação.

2.1.1 — Humanismo teocêntrico da Idade Média.

— A Escolástica e a origem das Universidades.

- 2.1.2 — Humanismo antropocêntrico e o nascimento.
- 2.1.2.1 — A Reforma
- 2.1.2.2 — Educação humanista e o Renascimento e suas contribuições educacionais.
- 2.2 — A Contra-Reforma e o aparecimento das grandes ordens educativas:
 - Salesianos e a educação primária
 - Dominicanos e a Educação superior
 - Jesuítas e o ensino médio.

3 — Educação Moderna

- 3.1 — O Naturalismo como posição em Filosofia da Educação.
- 3.2 — Rousseau — sua obra, suas idéias, seus seguidores.
- 3.3 — Tipos de Naturalismo.
 - 3.3.1 — Naturalismo biológico — Spencer, Stuart Mill.
 - 3.3.2 — Naturalismo psicológico — a Teoria da Conduta de Watson.
 - 3.3.3 — Naturalismo Sociológico — E. Durkheim.
- 3.4 — Crítica do Naturalismo como posição.

4 — Tendências principais da Educação Contemporânea.

- 4.1 — Tendência psicológica — Herbart, Froebel, Pestalozzi, Montessori.
- 4.2 — Tendência Pragmática — J. Dewey e a escola Nova.
- 4.3 — Posição personalista cristã como uma filosofia adequada à cultura ocidental.

III — CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1 — Conceituações elementares e Origens da História e Filosofia da Educação.

1.1 — A História da Educação como história do pensamento.

1.2 — Noções de Filosofia e Filosofia da Educação.

1.3 — Conceito de educação formal e informal.

1.3.1 — Educação dos povos primitivos.

1.3.2 — Causas do aparecimento da educação formal.

1.4 — Origens da Pedagogia e da Filosofia da Educação.

1.4.1 — A educação grega e os primeiros pedagogos.

1.4.2 — A educação romana.

2 — Posições educacionais na Idade Média e no Renascimento.

2.1 — O Humanismo como posição em Filosofia da Educação.

2.1.1 — Humanismo teocêntrico da Idade Média.

— A Escolástica e a origem das Universidades.

- 2.1.2 — Humanismo antropocêntrico do Renascimento.
 - 2.1.2.1 — A Reforma protestante.
 - 2.1.2.2 — Educação humanista do Renascimento e suas contribuições educacionais.
- 2.2 — A Contra-Reforma e o aparecimento das grandes ordens educativas:
 - Salesianos e a educação primária
 - Dominicanos e a Educação superior
 - Jesuítas e o ensino médio.

3 — Educação Moderna

- 3.1 — O Naturalismo como posição em Filosofia da Educação.
- 3.2 — Rousseau — sua obra, suas idéias, seus seguidores.
- 3.3 — Tipos de Naturalismo.
 - 3.3.1 — Naturalismo biológico — Spencer, Stuart Mill.
 - 3.3.2 — Naturalismo psicológico — a Teoria da Conduta de Watson.
 - 3.3.3 — Naturalismo Sociológico — E. Durkheim.
- 3.4 — Crítica do Naturalismo como posição.

4 — Tendências principais da Educação Contemporânea.

- 4.1 — Tendência psicológica — Herbart, Froebel, Pestalozzi, Montessori.
- 4.2 — Tendência Pragmática — J. Dewey e a escola Nova.
- 4.3 — Posição personalista cristã como uma filosofia adequada à cultura ocidental.

IV — ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

Apresentados os objetivos da disciplina e seu conteúdo básico; queremos ressaltar que eles devem ser um guia para o professor, a quem cabe efetivar esta proposta curricular.

É o professor que, partindo da proposta aqui apresentada, irá planejar o ensino (planos de curso, de unidade, de aula), relacionar objetivos, selecionar e organizar conteúdos, proporcionar condições de aprendizagem, avaliar os resultados do seu trabalho, para reformulá-lo, sempre que necessário.

Entretanto, permitimo-nos destacar alguns pontos que devem ser levados em conta pelos professores de História e Filosofia da Educação de nossos Cursos de Formação para o Magistério.

— Seleção do conteúdo

Sendo tão vasto o conteúdo da disciplina, é talvez esta, a tarefa mais difícil para o professor de História e Filosofia da Educação: selecionar conteúdos adequados a um tempo aos objetivos e às condições psicológicas de aprendizagem, dos alunos.

Nesse trabalho, o que importa realmente não é a quantidade de assunto a ser apresentado, mas a qua-

lidade dos temas que forem relevantes para os fins propostos.

“Não é a quantidade de informação emitida que é importante para a ação, mas antes, a qualidade e quantidade de informação capaz de penetrar o suficiente num dispositivo de armazenamento e comunicação, de modo a servir de gatilho para a ação!” (Norbert Wiener, citado no livro Planejamento e organização do Ensino, do Laboratório de Ensino Superior da Faculdade de Educação da UFRGS).

Como vimos, na Introdução deste trabalho, a linha de ação sugerida é mais filosófica do que histórica. O que se pretende é que o aluno vá elaborando, ao longo do curso, uma concepção filosófica do homem e do mundo, que lhe permita, como comportamento terminal, a capacidade de adotar uma posição face à educação.

Cabe, portanto, ao professor na seleção do conteúdo a ser apresentado, nortear-se por essa linha. Em seu planejamento de curso, de unidade, de aula, deverá escolher conteúdos, que realmente possam conduzir o aluno a alcançar os objetivos gerais da disciplina, e os objetivos específicos de cada unidade, de cada aula.

— Organização do conteúdo

Seleção e organização de conteúdo constituem um processo contínuo, realizando-se na prática, como um trabalho conjunto. Se os apresentamos como itens separados é apenas para destacar melhor aquilo que julgamos mais importante na organização do assunto para apresentação.

Escolhidos os conteúdos de cada unidade, estes deverão ser organizados de modo sequencial, gradativo, inter-relacionados, de modo a assegurar a continuidade e integração da aprendizagem. Cada conhecimento anterior deverá levar o aluno a adquirir “prontidão” para o seguinte.

Embora sejam adotados vários modelos para organização do assunto a ser apresentado ao aluno, cada professor poderá através de um trabalho simples, de esquemas ou mapas elaborados cuidadosamente, alcançar resultados positivos.

— Apresentação do Assunto

É muito importante a forma como o assunto é apresentado ao aluno, de modo a levá-lo a atitudes positivas em relação à matéria e facilitar-lhe a integração do conhecimento e sua posterior aplicação.

Em Filosofia e História da Educação as técnicas empregadas deverão suscitar no aluno uma atividade mental que lhes permita elaborar conceitos, redescobrir princípios, analisar e julgar teorias, desenvolvendo assim a sua capacidade de pensamento reflexivo.

Caberia talvez, lembrar aqui, a recomendação do Conselho Federal de Educação, através da Resolução nº 8/71, de que ao lado dos objetivos específicos de cada matéria, o ensino “deverá sempre convergir para o desenvolvimento no alunos das capacidades de observação, reflexão, criação, discriminação de valores, julgamento, comunicação, convívio, cooperação, decisão e ação, encarados como objetivo geral do processo educativo”.

— Utilização das técnicas de ensino

Para atingir os objetivos gerais da disciplina e específicos de cada unidade e, ao mesmo tempo, criar condições de aprendizagem que atendam um grupo de diferentes alunos, é necessário o uso de técnicas diversas.

Sugerimos, nesta proposta, algumas técnicas, que, entre outras, escolhidas pelo professor, poderão ser empregadas com resultado, em História e Filosofia da Educação: estudo dirigido individual, fichas de leitura, debates, painel integrado, painel aberto, grupo de verbalização e observação, peritos e interrogadores e júri simulado.

Não iremos detalhar como fazer a aplicação de técnicas, cuja descrição o professor encontrará em livros indicados na bibliografia sugerida, mas sim lembrar alguns aspectos do seu emprego que devem ser considerados pelos professores da disciplina:

— Conveniência da alternância de técnicas individuais e de grupo.

Se as atividades de grupo promovem um relacionamento de pessoas diferentes, uma troca de idéias, um trabalho cooperativo, um enriquecimento para o aluno, ensinando-o ainda a ouvir e considerar opiniões e atitudes diferentes das suas, o trabalho individual permite que ele, trabalhando no seu próprio ritmo e à sua maneira, enfrente dificuldades, adquira uma capacidade de julgamento pessoal, organize seus próprios conhecimentos.

— Atividades individuais

Recomendamos que nas atividades de estudo dirigido, organização de fichas e outros trabalhos independentes, sejam fornecidos roteiros aos alunos, a fim de orientá-los para que não se percam em considerações laterais ou acidentais, esquecendo-se ou desviando-se do principal.

De preferência esses estudos deverão ser feitos em classe, na hora de aula, reduzindo assim o tempo de exposição do professor, servindo ainda de instrumento para suscitar e manter o interesse do aluno em matéria em si tão abstrata, contribuindo ainda para formar o hábito da leitura.

Outro motivo que justifica a preferência pela leitura em classe é a situação sócio-econômica da maioria dos alunos, a realidade do seu ambiente doméstico, suas limitações no que se refere às condições de estudo em casa, ou de locomoção até a Biblioteca escolar.

— Atividades de grupo

Em relação às técnicas de grupo é importante que sejam cuidadosamente planejadas e habilmente conduzidas na sua execução pelo professor, elemento chave do trabalho.

No seu planejamento há a considerar:

a formação do grupo, que deve ser o mais possível espontânea com pequeno número de alunos, o que possibilitará maior coesão;

a adequação aos objetivos;
o tempo disponível a sua distribuição pelas
diversas fases do trabalho;
o próprio ambiente físico, as condições da
sala de aula.

Lembrariamos ainda no caso de História e Filosofia da Educação, em que a pesquisa bibliográfica é tão importante, e ainda considerando as possibilidades reais de nossas unidades escolares, as dificuldades decorrentes do reduzido número de livros de suas bibliotecas, que tais dificuldades poderiam ser contornadas adotando-se compêndios diferentes para cada equipe, e promovendo-se a sua troca entre as mesmas para complementação do estudo.

V — BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Antunes, Celso. Técnicas pedagógicas de dinâmica de grupo. Editora do Brasil.

Figueredo, Jacy. Filosofia e Educação através de textos — 2 volumes: aluno e professor. B. Álvares.

J. Redden — F. Ryan. Filosofia da Educação. Editora Agir.

Kneller, G. Introdução à Filosofia da Educação. Editora Zahar.

Hubert, René. História da Pedagogia. Editora Nacional/MEC.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Lei 5692/72 (Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus). Conselho Federal de Educação: Parecer 853/71.

Série Ensino Fundamental nº. 10 — Formação de Professores a nível de 2º. Grau-MEC.

Planejamento e organização do Ensino — Editado pelo Laboratório de Ensino Superior da Faculdade de Educação da UFRGS.

Habilitações profissionais no ensino do 2º Grau — Editora Expressão e Cultura/MEC.

VI — BIBLIOGRAFIA INDICADA AO PROFESSOR

A — Suporte mínimo.

Unidade I:

1 — Luzuriaga, Lorenzo. História da Educação e da Pedagogia. Editora Nacional. Capítulo I.

2 — John Redden, Francis. Op. Cit.: Capítulo I.

Cunningham, W. F. Introdução à Filosofia. Globo/MEC: Capítulo I.

Figueiredo, J. Filosofia e Educação através de textos: Unidade I.

3 — Hubert, René. História da Pedagogia. Editora Nacional/MEC: 1a. parte — Capítulo I.

J. Redden, F. Ryan. Op. Cit.: Capítulo I.

**Madres Peeters e Cooman. Pequena História da Educação.
Edições Melhoramentos. Capítulo I.**

6 — J. Redden, F. Ryan. Op. Cit.: Capítulo III — 1a. parte.

Madres Peeters e Cooman. Op. Cit.: Capítulos II e III.

Luzurlaga. Op. Cit. Capítulos IV, V e VI.

Unidade II:

1 — J. Redden, F. Ryan. Op. Cit.: Capítulo III — 2a. parte.

Figueiredo, J. Op. Cit.: IV Unidade.

Cunningham, W. F. Op. Cit.: Capítulo II.

Madres Peeters e Cooman. Op. Cit.: Capítulo V.

2 — Madres Peeters e Cooman. Op. Cit.: Capítulo VII.

Luzurlaga. Op. Cit.: Capítulos IX e X.

3 — Madres Peeters e Cooman. Op. Cit.: Capítulos VII e Apêndice.

Luzurlaga. Op. Cit.: Capítulo XI.

Unidade III:

1 — Madres Peeters e Cooman. Op. Cit.: Capítulo X.

Luzurlaga. Op. Cit.: Capítulo XV.

Hubert, René. Op. Cit.: 2a. parte, Capítulo II.

2 — Cunningham. Op. Cit.: Capítulo II.

**J. Redden, F. Ryan. Op. Cit.: Capítulo III — 2a. parte e
Capítulo XIII.**

Madres Peeters e Cooman. Op. Cit.: Capítulo XIII.

Luzurlaga, Op. Cit.: Capítulo XVII.

Hubert, René. Op. Cit.: 2a. parte — Capítulo III e IV.

Unidade IV:

1 — Madres Peeters e Cooman. Op. Cit.: Capítulo XII.

Hubert, René. Op. Cit.: 2a. parte — Capítulo II.

Luzurlaga. Op. Cit.: Capítulos XV e XVII.

2 — Madres Peeters e Cooman. Op. Cit.: Capítulo XV.

**J. Redden, F. Ryan. Op. Cit.: Capítulo II — 2a. parte —
Capítulo XVII.**

Hubert, René. Op. Cit.: 2a. parte — Capítulo IV.

- 3 — Cunningham. Op. Cit.: Capítulo III — A natureza do Homem.
J. Redden, F. Ryan. Op. Cit.: Capítulo III — 5a. parte.
Maritain, Jacques. Rumos da Educação — Ed. Agir — Capítulo I,
1a. parte — A natureza do homem e a educação.

B — Complementar.

Cunningham, W. F. Introdução à Educação — Ed. Globo/MEC.

Buchon, C. S. Curso de Pedagogia — Coeção A. E. C.
Hubert, René. História da Pedagogia — Editora Nacional/MEC.
Larroyo, Francisco. História Geral da Pedagogia — Editora Mestre
Jou (2 volumes).

Telxeira, Anísio. Educação no Brasil — Editora Nacional.

Tobias, José Antônio. História da Educação Brasileira — Editora
Juriscredi.

Luzurlaga, Lorenzo. Pedagogia — Editora Nacional.

Luzurlaga, Lorenzo. História da Educação e da Pedagogia — Editora
Nacional.

De Rosa, Maria da Glória. História da Educação através dos textos
— Editora Cultrix.

C — Adicional.

Eby, Frederick. História da Educação Moderna — Editora Globo.

Paul Monroe. História da Educação
Frost, Gr. S. E. Ensinaamentos básicos dos grandes filósofos —
Editora Cultrix.

Garcia, W. E. A Educação — visão teórica e prática pedagógica —
Editora Mc Graw Hill do Brasil Ltda.

Kneller. G. Introdução à Filosofia da Educação — Editora Zahar.